

sobre tudo

DISCURSOS E INTERDISCURSOS DE PROFESSORES HOMOSSEXUAIS

Silvane Aparecida de Freitas/UEMS
Lucas Matheus Santana Medeiros/UEMS

Resumo: Propusemo-nos, neste artigo, a investigar os discursos e os interdiscursos de professores homossexuais acerca de sua sexualidade no contexto escolar, tendo como sujeitos professores de escolas estaduais do município de Jales-SP, com o objetivo de verificar e entender os discursos e interdiscursos do professor homossexual dentro da escola, se ele se expõe ou tem de se silenciar sobre sua realidade, e além disso, entender como o discurso do “outro” pode moldar suas identidades. A pesquisa se dá em consonância aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, sendo, portanto, qualitativa. Para isso, usamos como recurso de pesquisa questionários impressos e entrevistas semiestruturadas com o fito de melhor discutirmos o tema em questão e analisarmos os discursos desses professores. Ressaltamos que o presente artigo faz parte da pesquisa de Dissertação de Mestrado em andamento vinculado ao XXXXXX (XXXXX) intitulada “Discurso de professores homossexuais: dentro ou fora do armário”. Assim sendo, concluímos

que os professores homossexuais trazem em seus discursos vivências de controle por parte da escola, assim como em suas memórias; há professores que, por conta dos discursos conservadores predominantes nos espaços escolares, decidem ou são colocados para dentro do armário, sendo uma maneira de se resguardar da homofobia e se poupar de serem vistos como desviantes ao conservadorismo predominante nas escolas.

Palavras-chave: Homossexualidade. Discurso; Interdiscurso; Professor; Escola.

SPEECHES AND INTERSPEECHES BY HOMOSEXUAL TEACHERS

Abstract: We set out, in this article, to investigate the discourses and interdiscourses of homosexual teachers about their sexuality in the school context, these being teachers from state schools in the city of Jales-SP. This with the aim of verifying and understanding the discourses and interdiscourses of the homosexual teacher within the school, whether he exposes himself or has to remain silent about his reality, in addition, understanding how the discourse of the “other” can shape their identities. The research is carried out in line with the theoretical assumptions of French-oriented Discourse Analysis, and is therefore qualitative research. To do this, we used printed questionnaires and semi-structured interviews as research resources in order to better discuss the topic in question and analyze the speeches of these teachers. We emphasize that this article is part of the Master's dissertation research, in progress, linked to the XXXXXXXX entitled “Discourse by Homosexual Teachers: Inside or Outside the Cabinet”. Therefore, we conclude that homosexual teachers bring experiences of control by the school in their speeches, as well as in their memories; There are teachers who, due to the conservative discourses prevalent

in school spaces, decide or are placed in the closet, being a way of protecting themselves from homophobia and avoiding being seen as deviant from the conservatism prevalent in schools.

Keywords: Homosexuality. Speech. Interspeech. Teacher. School.

Introdução

A educação é um pilar fundamental na construção de uma sociedade justa e inclusiva, lócus em que o respeito à diversidade e aos direitos humanos deve ser uma premissa inquestionável. Nesse contexto, o papel dos professores é de extrema relevância, uma vez que são responsáveis por transmitir conhecimentos e valores aos seus alunos, moldando o futuro da nação. No entanto, ao longo da história, sujeitos homossexuais, assim como, todos aqueles que destoam da heterossexualidade, têm enfrentado desafios significativos em diversos setores, incluindo o ambiente escolar, onde a questão da orientação sexual muitas vezes é tratada com tabus e estigmas.

Temos como objetivo neste artigo problematizar os discursos dos professores homossexuais de escolas estaduais do município de Jales-SP, a fim de, em consonância com os preceitos teóricos da análise do discurso de orientação francesa¹², analisá-los no intuito de entender, refletir e problematizar o discurso dos sujeitos desta pesquisa. Afinal, como agem e reagem, perante o conservadorismo da instituição escola? Para tanto, queremos assinalar que o presente artigo faz parte de um trabalho maior, sendo um recorte da pesquisa de Dissertação de

¹² A análise do discurso surgiu nos anos 60 do século XX, no cenário da intelectualidade francesa, considerando a opacidade do texto, promovendo a interpretação que abarque o funcionamento linguístico textual e os discursos históricos nele inseridos. (BRANDÃO, 1998).

Mestrado, em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-Paranaíba), intitulada “Discurso de professores homossexuais: dentro ou fora do armário?”.

Realizamos esta pesquisa na cidade de Jales-SP, localizada na região noroeste paulista, Sudeste do Brasil. O município tem as características típicas de cidade do interior, população estimada em 48.776 habitantes (IBGE/2023) e localiza-se a cerca de 586 km da capital, São Paulo. No município, há 6 escolas estaduais que atendem o Ensino Fundamental (Anos Finais) e Ensino Médio, etapas da educação básica. Essas escolas são supervisionadas pela Diretoria de Ensino - Região de Jales-SP, são de tempo integral, de 7 ou 9 horas diárias, e todas estão localizadas no perímetro urbano do município. Antes de adentrarmos as escolas para a aplicação dos questionários, solicitamos autorização de pesquisa à Diretoria de Ensino da região de Jales-SP, representada pelo seu Dirigente de Ensino, que esteve a par dos objetivos e metodologia da pesquisa, autorizando que o estudo fosse realizado nas unidades escolares, mediante autorização dos diretores de escola. Por uma questão de ética em pesquisa, os nomes das escolas não serão mencionados. Usaremos os termos Escola A, Escola B, Escola C e assim por diante.

Para a pesquisa em andamento, selecionamos vinte (20) excertos das quatro (4) entrevistas semiestruturadas realizadas com professores homossexuais de escolas estaduais do município de Jales-SP, os quais foram identificados por meio de questionários entregues nessas escolas. Os professores que se identificaram nos questionários como homossexuais (homens gays), foram convidados por meio de convite formal a participarem desta pesquisa por meio de uma entrevista semiestruturada. Para este artigo, selecionamos oito (8) excertos da pesquisa maior, visando a analisar o discurso e o interdiscurso dos professores homossexuais.

1. Sexualidade, homossexualidade e armário

Ao longo da história, a sexualidade sempre foi um tema tabu para a sociedade, não sendo abordada pelas famílias e muito menos, em ambientes escolares, pelos educadores. As diversas orientações sexuais ou quaisquer tipos de “anomalia”¹³ que não seguem o padrão pré-estabelecido pela sociedade são constantemente silenciados e abominados. Uma vez que a questão sexual sempre foi tratada como algo muito reservado, um pecado, que não se pode dizer, um tema silenciado, interditado, ela se tornou uma temática que somente

O casal, legítimo e procriador dita a lei, impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais [...]. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as

¹³ Foucault (2001) aponta que a partir do século XVIII, em articulação com o século XIX, o domínio da anomalia constituiu-se, por meio de três elementos: o monstro humano, aquele que viola as leis da sociedade e da natureza; o indivíduo a ser corrigido, o que deve ser corrigido, em conflito, num sistema de apoio: família, depois escola, bairro, igreja etc.; o masturbador, que não é um indivíduo que se apresenta anormal, é quase um ser universal, que tem um segredo universal, compartilhado com todos, porém que ninguém o comunica a ninguém. Para o autor, essas três figuras comunicam-se entre si e “Elas permanecem separadas essencialmente na medida em que os sistemas de poder e os sistemas de saber a que essas três figuras são referidas permanecem separados uns dos outros”. (FOUCAULT, 2001, p. 76-77).

sanções. (FOUCAULT, 1977a, p. 9).

Na visão de Foucault (1977a), há uma repressão acerca da sexualidade, a qual está vigente até os dias atuais, que seria marcada por uma tripla dimensão referente ao poder, ao saber e ao discurso. No que se refere ao poder, no domínio da prática, o sexo seria marcado por uma série de interdições; no domínio do saber, pela associação do sexo ao pecado e a redução da sua função à reprodução; no domínio dos discursos, reduzido ao mutismo temático.

De acordo com Louro (2000), todo ser é um ser sexual, porém o significado que cada um produz sobre o seu corpo, o que é erótico e prazeroso são elementos subjetivos, pois cada sujeito tem as suas particularidades. O órgão sexual pode ser o mesmo, porém os significados serão diferentes para cada pessoa. A sexualidade é a própria alteridade. Mesmo que a cultura tente domesticá-la, ela não a segue. Faz-se necessária a compreensão de que a sexualidade não é somente uma questão pessoal, é também política e social, dado que ela é construída, de diversos modos, no decorrer da vida de cada pessoa.

Para Alencar (2015), as diversas manifestações de compor-se o masculino e o feminino não são aceitas frente aos discursos de uma concepção singular da sexualidade. A homofobia seria, pois, uma reprodução de discursos da ordem social de heteronormatividade.

De acordo com Louro (2000), aos homossexuais ou àqueles que, de alguma forma, apresentem interesses e desejos distintos da heteronormatividade são oferecidas poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação (ocultar) e a segregação. Para a autora, tem-se uma produção da heterossexualidade, e para que haja essa produção, tem-se a rejeição da homossexualidade, que é expressa, muitas vezes, por declarada homofobia.

Assim, a heterossexualidade é tida como natural, a sexualidade

“normal”, não havendo a necessidade de que os sujeitos que se identificam dessa maneira se assumam heterossexuais e sofram consequências com a declaração. Quanto à homossexualidade, resta aos sujeitos homossexuais decidirem se se assumirão ou não, numa sociedade conservadora e heteronormativa, ou seja, se estarão dentro ou fora do armário.

Para Novo (2015, p. 146), “O armário institui uma negociação de visibilidade de gays e lésbicas que se centraliza no gênero para garantir a manutenção da hierarquia heterossexual.” Assim, ao se usar o dispositivo de regulação, o armário, o que se evidencia é o comportamento de acordo com o que a sociedade vê como natural para cada gênero. A heterossexualidade é posta como padrão natural a todos os sujeitos, e assim, todos deveriam adotá-la. Aos desviantes da norma, resta o silenciamento, a necessidade de manterem em segredo suas sexualidades e práticas sexuais. No que se refere ao comportamento, impõe-se a necessidade de ter o controle para não dar pistas de qualquer desvio. Por isso, surge o imperativo de estar dentro do armário, o que é visto como preferível pelos conservadores.

2. Discurso, interdiscurso e memória

Como campo da Linguística, a Análise do Discurso estuda os discursos e como ocorrem as construções ideológicas inerentes às manifestações discursivas. Nessa perspectiva, buscamos em Orlandi (2009) que o discurso significa palavra em movimento, prática de linguagem. No estudo do discurso, tem-se a observância da condição do sujeito histórico, pois epistemologicamente a palavra discurso traz a ideia de curso, percurso, movimento.

A Análise do Discurso concebe a linguagem

como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2009, p.13).

Acerca do discurso, buscamos também as acepções de Michel Foucault, que foi um filósofo, professor, psicólogo e escritor francês, ressaltando que o referido não foi um teórico da Análise do Discurso, mas algumas das vertentes da Análise do Discurso tomam os preceitos foucaultianos como forma complementar, sobretudo, quando se trata de questões sobre discurso, sujeito, identidade e memória.

Numa perspectiva complementar, Foucault (1977b) afirma que o discurso é um dos elementos de um dispositivo estratégico de relações de poder, que pode ser definido como uma série de acontecimentos (discursivos) que se relacionam. Para analisá-lo, é preciso descrever as relações e ligações entre todos esses elementos. O referido autor estudou o problema da loucura e esclarece que o importante é, antes de tudo, examinar os discursos acerca da loucura, as instituições que recebem os indivíduos considerados loucos, as leis e como essas pessoas se veem com a exclusão. Analogamente, para analisar os discursos dos professores homossexuais, faz-se necessário examinar os discursos acerca da homossexualidade levando em consideração a história e as condições de produção do discurso sobre o assunto.

É importante ressaltar que o discurso como objeto da Análise do Discurso não é uma língua, um texto, uma fala, porém necessita de todos esses elementos para a sua existência. Segundo Fernandes

(2008), o discurso, além da língua, envolve aspectos sociais, históricos e ideológicos. Ele encontra-se na exterioridade, no sócio-histórico, político e cultural. Para analisá-lo, é necessário ir além das estruturas linguísticas, já que na sociedade existem diferentes posições, as quais contrastam, ou seja, diversos discursos coexistem e resultam em conflitos. Para compreendê-los, é necessária uma análise que vai além da estrutura linguística. Salientamos que é possível recorrer à história, mas não à origem, pois não existe discurso totalmente novo, original.

Assim, entendemos que a memória discursiva é constituída por fragmentos de múltiplos discursos, de diversos outros discursos sociais, o que é denominado interdiscurso. Esses fragmentos, ou múltiplas vozes, precedem-nos e são recebidos como uma “herança”, sendo eles modificados e transformados (CORACINI, 2007) no decorrer da história. Desse modo, os discursos dos professores homossexuais são formados perante a perspectiva do outro, como também são formados com a interferência de discursos presentes em suas vivências.

3. Análise do discurso de professores homossexuais

A carreira do magistério é composta majoritariamente por mulheres e, com isso, a presença do professor na escola gera curiosidade e suspeita de desvio da heterossexualidade. Professores geralmente são vistos como “(...) um homem fazendo ‘coisa de mulher’, [que] só pode ser um homem ‘não muito homem’” (CRUZ, 1998, p. 245-246). De posse dos dados obtidos por meio dos questionários aplicados, convidamos somente os professores homossexuais (*gays*) para a entrevista semiestruturada, uma vez que este é o nosso objetivo de pesquisa.

Para melhor organização dos dados e não comprometimento ético dos sujeitos, optamos por identificar cada entrevistado como Professor (1), Professor (2), assim por diante. Os excertos das

entrevistas serão identificados como recortes discursivos e utilizaremos a letra R, intitulando-os (R1), (R2) e assim sucessivamente. Para a análise desses excertos, em nenhum momento, julgamos se o dito por esses professores é verdadeiro ou falso, uma vez que, para Foucault (1996), a verdade é produzida no acontecimento. Além disso, consideramos que seus dizeres revelam formações imaginárias sobre o assunto em pauta.

É importante ressaltar que a análise dos dados, realizada a partir dos excertos selecionados, é uma das leituras possíveis dos discursos dos sujeitos desta pesquisa, uma vez que a cada leitura, novos sentidos podemos produzir, tendo em vista que nossa história já não será mais a mesma. Portanto, esta pesquisa estará aberta para outras leituras possíveis, tanto deste pesquisador, como de outros interessados na temática.

Após a coleta dos questionários nas escolas mencionadas, selecionamos os professores que seriam os sujeitos desta pesquisa, os quais responderam às entrevistas semiestruturadas, sendo quatro professores que se identificaram como *gays* e que aceitaram participar das entrevistas.

A seguir, analisaremos excertos da entrevista em que evidenciamos o contexto desses professores, seus discursos e interdiscursos.

3.1 Memórias de professores homossexuais

Entendemos que a memória discursiva é condição do funcionamento discursivo, moldado por um contexto que engloba aspectos sociais, históricos e culturais. Os discursos refletem uma memória compartilhada na qual os sujeitos estão inseridos, uma vez que esses discursos estão repletos de já-ditos em diversas outras situações sócio-históricas. Somos formados por uma interconexão de

discursos; diversos outros constituem minha memória discursiva. (FERNANDES, 2008).

Assim, os participantes desta pesquisa são sujeitos fluidos, sempre em movimento e constituição de suas identidades, os quais aceitaram fazer parte deste estudo, respondendo aos questionários e às entrevistas. Esses sujeitos eram quatro professores homossexuais, que falaram acerca de sua sexualidade, a fim de que se pudesse identificar seus discursos acerca de si, assim como evidenciar os interdiscursos que permeiam a sua identificação como professores homossexuais e como isso se dá no ambiente escolar.

Para entender melhor quem são esses sujeitos, o que sentem, como agem e reagem aos problemas enfrentados devido à orientação sexual, fomos às entrevistas, solicitando aos sujeitos que buscassem em suas memórias as recordações de como se “descobriram” homossexuais, se algo lhes fazia sentir diferentes na infância e na adolescência, como foram suas vivências nos ambientes escolares como estudantes e se houve alguma forma de controle por parte da escola, família, religião ou outros. Assim, obtivemos as seguintes respostas:

R1: Olha, eu não consigo precisar um momento da descoberta, né? Até porque eu sempre tive a consciência de sentir atração por pessoas do mesmo sexo que o meu, isso vem desde a minha primeira infância, mas ao longo de toda a minha adolescência que é o momento mais perturbador nesse caso, eu sempre tive a negação, né? De não querer ser, de querer ser diferente, tentar me relacionar ééé, com pessoas do sexo oposto, ter um relacionamento heteronormativo, eu sempre quis isso, eu nunca quis ser homossexual, por isso que sempre que tem

um embate eu questiono, não é uma escolha, quem que escolheria ser discriminado, éé ouvir piadinhas, ser rejeitado? Ninguém escolheria isso. (PROFESSOR 1, ESCOLA F).

No recorte (1), o professor (1) ao ser levado a buscar em suas memórias o momento em que se identificou como homossexual, diz que sempre teve consciência de sê-lo, mas ao mesmo tempo revela a negação, criando um espaço de tensão entre consciência e negação, justificada por ter também a consciência do preço que sujeitos homossexuais pagam ao se assumirem como tais. O professor, ao usar o advérbio de negação “nunca” em “[...] eu nunca quis ser homossexual” (R1) e o advérbio de tempo “sempre” em “[...] ter um relacionamento heteronormativo, eu sempre quis isso” (R1), revela que o que foi buscado em suas memórias ainda se faz válido, no sentido de que a negação da homossexualidade e o desejo de ser heterossexual ainda se fazem presentes. Esse desejo é justificado pelo professor (1), com um questionamento em que ele próprio responde em “[...] quem que escolheria ser discriminado, ééé ouvir piadinhas, ser rejeitado? Ninguém escolheria isso.” (R1).

Ele viveu e vive o dilema entre o “nunca” querer ser homossexual e o “sempre” querer ser heterossexual, para não ter que enfrentar piadinhas, ser visto como diferente e sofrer discriminações. Ou seja, esse “nunca” e esse “sempre” para esse professor são sinônimos, uma vez que ele reluta entre “nunca” ser homossexual (o que ressoa em sua memória) e “sempre” querer ser heterossexual, o que afinal se resume em ser o que a sociedade heteronormativa (família, escola, igreja...) dita como correto, exigindo que todos os seres desejem o mesmo, “ser héteros”. No entanto, querer não é ser. A sociedade “praticamente” exige que ele seja não o que ele é, mas o que “a moral e os bons costumes” ditam. Por isso, os “já ditos” ressoam fortemente na memória discursiva desse sujeito, fazendo com que ele acredite que

deva se assujeitar ao que ele não é.

Por meio da fala do professor (1), observamos como os discursos predominantes na sociedade interferem no discurso do professor, fazendo com que coloque sua própria sexualidade como inferior à heterossexual, assumindo a posição de desviante à norma e revelando o desejo pela sexualidade do outro, tida como normal e sadia perante a sociedade, qual seja, a heterossexual.

Ainda buscando conhecer o período da vida em que os sujeitos da pesquisa se identificaram como homossexuais, temos este excerto da fala de outro professor:

R2: Mas assim, o dia que eu me tenho que falar, comunicar, né?, assumir pra minha família, meus pais entram no meu quarto e começam a questionar sobre o que estava acontecendo eee... eu tinha apenas catorze anos, foi muito difícil (professor se emociona), meu pai pega as minhas roupas e fala que é para eu ir pra fora de casa... minha mãe chorava muito, mas impediu meu pai de me colocar pra fora, depois me colocaram para fazer acompanhamento que... hoje vejo como se fosse uma cura gay que foi tentada, não foi aplicada porque eu não deixei... Cresci com alfinetadas, qualquer coisa que acontecia a minha família me falava para arrumar uma menina, pra virar homem, inclusive a minha irmã mais nova. (PROFESSOR 3, ESCOLA C).

Nota-se, no recorte (2), que a homossexualidade não é desejada pela família. O repúdio é tamanho que fez com que o pai decidisse colocar seu próprio filho, na época com catorze anos, para fora de casa,

o que não ocorreu porque foi impedido pela mãe. Vemos os sujeitos agindo de acordo com suas posições discursivas: o sujeito pai fala de sua posição de pai, sendo coerente com a figura que se tem de um pai de família tradicional, que impõe regras aos filhos e até mesmo à esposa. Essas regras devem ser seguidas para que se possa viver no mesmo lar e usufruir dos frutos do seu trabalho, e são as apregoadas pela sociedade heteronormativa. Esse pai traz consigo, mesmo inconscientemente, que o “correto” é “homem ser homem”, e ele tem de fazer valer esse dito dentro de sua família. Mais uma vez, os “já ditos” parecem querer prevalecer e ter o poder do controle, o poder de nos moldar.

Temos também o sujeito mãe falando de sua posição e tendo a atitude esperada de uma mãe. Ela age para não deixar seu filho ser expulso de casa, mesmo concordando que o filho esteja “errado” em seu comportamento, pois é isso que ela tem registrado em sua memória discursiva. A mãe age como se espera do lugar de mãe, protegendo o filho, sendo a figura dócil numa relação discursiva pai-mãe-filho, cumprindo o papel que estaria codificado para as mulheres, tentando impedir a expulsão do filho.

Por meio do discurso do professor (3), notamos que a heterossexualidade é incentivada pela família. O educador se recorda de ouvir de sua família a expressão “[...] virar homem.” (R2), que está ligada à ideia de que para ser homem é necessário ser heterossexual. O verbo “virar” dá ideia de que sendo homossexual esse sujeito não pode ser visto como homem, mas precisa se tornar um, assumindo comportamentos ditos masculinos.

Além disso, temos que o jogo de imagens é um grande controlador das famílias, uma vez que se impõe a questão de “que imagem a sociedade pode fazer de minha família, se eu tiver um filho homossexual?” Assim, a família parece ser a maior controladora da homossexualidade, a que mais vigia os corpos dos filhos, na tentativa

de torná-los corpos dóceis e não passar uma imagem vexatória para a sociedade heteronormativa, ou seja, de não deixar que o filho faça com que a família passe por “vexames” de ter um filho meigo e gentil, que não age como “homem”, “macho”.

Nesse contexto de família e controle, temos também:

R3: Tenho lembrança da minha mãe falando com a professora da pré-escola sobre o meu jeito de ser... Meu pai quando ficava sabendo dos comentários que o pessoal fazia sobre mim, tipo “Ah seu filho tem um jeitinho, hein?”, aí meu pai me tratava com mais agressividade, acho que ele queria que eu fosse um homem bruto do sítio, assim como ele. [...] em casa eu vivia quase um treinamento para ser machinho. (PROFESSOR 4, ESCOLA C).

Com os dizeres do Professor (4), notamos como a heterossexualidade é produzida pelas famílias e como a homossexualidade é repudiada, fazendo com que a família fique alerta acerca dos comportamentos esperados para um filho homem. Quando há desvio à imagem esperada, há o receio, o medo de que se confirme um desvio à sexualidade almejada, o que fez com que a mãe do Professor (4) fosse conversar com a professora da pré-escola acerca dos “desvios” observados no filho.

Mais uma vez, a figura paterna é a mais autoritária e a que mais marca os discursos contrários à homossexualidade, em uma tentativa de perpetuar a ideologia machista: “em casa eu vivia quase um treinamento para ser machinho” (R3). A preocupação do pai é que o filho homem tenha de agir como homem, por isso é preciso ensiná-lo a ser homem, a não ter um comportamento “desviante”, que envergonha a família (“Ah seu filho tem um jeitinho, hein?”) (R3). Portanto, na

sociedade que temos, é dever da figura paterna preservar a imagem da família para não passar por circunstâncias vexatórias.

O fato de a mãe ir à escola para tratar do assunto em questão mostra que ela tem a imagem da escola como um ambiente heteronormativo, que está ali para “curar” os atos desviantes. Assim, caberia ao professor do Professor (4) criança, abordá-lo como um problema que precisa ser tratado, incentivando a heterossexualidade. Nota-se que há uma confiança por parte da família em tratar o tema em questão com a escola, na esperança de que a instituição contribua para o processo da heteronormatividade, de que saiba como agir perante esses comportamentos “desviantes”, ou ainda, que saiba “curá-los”.

Os sujeitos desta pesquisa também trouxeram recordações acerca de suas vivências nos espaços escolares, enquanto alunos:

R4: [...] na adolescência, eu já tinha a vergonha de ser gay, então eu fazia de tudo para que os outros não percebessem isso em mim e assim na escola eu usava... vamos falar, máscaras, pois tinha medo dos meus amigos deixarem de serem meus amigos por causa disso. (PROFESSOR 3, ESCOLA C).

O Professor (3), no recorte (2), afirma que no contexto familiar sua sexualidade era vista como um problema e que quase o levou à expulsão de casa; no recorte (4), diz que, na escola, ele teria que tentar silenciar sua sexualidade e qualquer comportamento que gerasse questionamento a ela. Observamos, mais uma vez, a coerência entre família e escola, espaços em que houve a constante tentativa de silenciamento e negação da homossexualidade. Na primeira, para que possa continuar vivendo com sua família; na segunda, para que possa ser aceito pelo grupo de amigos.

Na passagem “na adolescência, eu já tinha a vergonha de ser gay”

(R4), notamos, por meio do uso do termo “já”, que o Professor (3) carregou consigo o sentimento de vergonha. Isso não se dá por acaso, e sim por conta do que está cristalizado em sua memória: que ser gay é algo pecaminoso, por causa do jogo de imagens, uma vez que se impõe a questão: “que imagem meus colegas podem fazer de mim por eu ser gay?”. O imaginário social é inculcado na memória dos sujeitos em formação, tornando-os seres recalcados, que passam negar a si mesmos, na tentativa de reafirmar um outro, que está presente nos já ditos pela sociedade de controle. Nesse caso, temos a escola, os amigos, a família como incentivadores da heterossexualidade, sendo esses agentes importantes nessa sociedade para manter o *status* de sociedade heteronormativa, conservadora, patriarcal.

O sentimento de vergonha em relação à própria orientação sexual em (R4), presente desde a adolescência, revela a pressão social e o estigma associados à homossexualidade. Enquanto adolescente, essa vergonha levava o professor em questão ao armário. Tendo esse sentimento em seu presente, estaria o Professor (3) no armário ainda? De acordo com Sedgwick (2007), são poucas as pessoas que estão totalmente fora do armário e que tenham assumido a homossexualidade em todos os segmentos de sua vida, pois em alguns segmentos, o armário é visto como uma grande forma de protegerem a própria face.

Levados a buscarem em suas lembranças como os seus professores abordavam o tema sexualidade e como lidavam com a diversidade sexual temos:

R5: Tenho a lembrança bem vaga da professora da quarta série explicando bem por cima a questão do órgão genitor masculino e o órgão genitor feminino, ééé depois na oitava série eu lembro que a professora de ciências ficou com receio de

falar sobre esse assunto, então ela chamou um outro professor de ciências da escola para explicar, lembro que durante a aula esse professor fez tantas piadinhas preconceituosas... foi constrangedor. (PROFESSOR 4, ESCOLA C).

Notamos que, no Recorte (5), o Professor (4) atribui ao substantivo “lembança” o adjetivo “vaga”, intensificado pelo advérbio de intensidade “bem”, para dizer que sua professora da quarta série não explorou muito o assunto, foi algo rápido, “bem por cima” (R5). Além disso, o sujeito menciona que a sexualidade foi trabalhada limitando-se a explicações sobre órgãos genitais. A professora de Ciências da oitava série, ao não se sentir confortável para falar sobre sexualidade com alunos, chama um outro professor, demonstrando que na condição de mulher não julga aceitável falar sobre o tema, que não seria coerente com a imagem de professora. Assim, o professor (homem) seria mais “dinâmico” para falar do assunto. O receio sentido pela professora é transmitido aos alunos, pois mesmo que não tenha exposto aos alunos por meio da fala, sua atitude significou (falou mais alto). Esse silêncio significa muito, tanto é que ficou registrado na memória do professor (4). A “dinamicidade” atribuída ao professor convidado a abordar o tema sexualidade se deu por meio de “tantas piadinhas preconceituosas” (R5), as quais, no que tange à sexualidade, são aquelas que valorizam a sexualidade tida como “normal” e passam a discriminar e ridicularizar as demais.

Portanto, práticas de discriminação e exclusão ocorrem na escola e na sociedade como um todo, ora de forma velada, ora explicitamente, mas sempre aí estão para silenciar, criar indignação e submissão, na forma de ser e agir do sujeito homossexual, as quais são ressoadas interdiscursivamente pelo dizer desses professores participantes desta pesquisa.

3.2 Subjetividade e controle: um espaço de tensão

Neste subitem, evidenciaremos a questão sobre como o discurso institucional e a posição do outro interferem no discurso do sujeito em questão, como o espaço escolar tenta interferir e acaba moldando a subjetividade dos sujeitos sempre em formação.

Consideramos que o sujeito, mais precisamente o sujeito discursivo, deve ser sempre considerado como alguém inserido na sociedade, imerso em um contexto coletivo. Portanto, trata-se de um indivíduo que não encontra base em singularidades isoladas, mas um ser que existe dentro de um ambiente social e ideológico, num determinado ponto da história, em contraposição a outros momentos. A expressão desse indivíduo revela sua posição social, conseqüentemente, reflete um conjunto de outras vozes que fazem parte de uma determinada realidade histórica e social. As palavras desses sujeitos ecoam as vozes formadoras e/ou integrantes desse cenário sócio-histórico. (FERNANDES, 2008).

Assim, considerando as memórias dos professores entrevistados, o local onde estão inseridos, suas lembranças, assim como a posição em que ocupam, esses sujeitos entrevistados responderam perguntas acerca da carreira docente sendo homossexual, desde a inserção no mercado de trabalho até os dias atuais, se já foram questionados sobre sua sexualidade e se já sofreram algum tipo de homofobia no ambiente escolar. Passamos a analisar alguns fragmentos.

R6: Então a minha aceitação, ela se dá nesse processo da minha inserção no mercado de trabalho. E no mercado de trabalho eu já começo a perceber que eu não poderia ser, ou pelo menos dizer e mostrar aquilo que eu

era de verdade. Por exemplo, começo a dar aulas em um sexto ano, então sempre que faziam uma pergunta pessoal e tal, ou eu desviava do assunto, ou eu dava outra resposta que não fosse coincidente com a realidade, por exemplo, professor você namora? Professor quem é a sua namorada? Ou coisas do tipo, então sempre ali ééé, o meu ambiente de trabalho eu nunca comentei sobre a minha vida pessoal, né? Nem com os meus colegas, meus pares, ééé por perceber, né? Que ali é um ambiente que tem pessoas homofóbicas, que tem pessoas que poderiam usar isso para tentar me prejudicar, por ser também um ambiente competitivo, então a minha aceitação se dá nesse contexto, estou me aceitando, mas isso tem um limite dentro do meu ambiente profissional. (PROFESSOR 1, ESCOLA F).

Nesse recorte, o Professor (1) diz que começa a se aceitar homossexual no início de sua carreira. Em “estou me aceitando” (R6), o uso do gerúndio implica que o professor, no início de sua carreira, está em meio a essa jornada, o que destaca a complexidade e a natureza em evolução desse processo, indicando que a autoaceitação não é um estado fixo, mas sim um processo contínuo, de continuidade temporal, uma ação em andamento ou duradoura. Ao fazer uso do verbo “aceitar”, o sujeito evidencia que essa sexualidade até então era negada e que se tem um processo de aceitação: aceitar ter uma sexualidade diferente da que a sociedade tem como normal e natural, aceitar ser desviante à norma.

O Professor (1), como professor iniciante, logo percebe que não poderia deixar que descobrissem a sua sexualidade, escamoteando, assim, a sua realidade, encontrando algo presente não só na escola: o

armário, uma atitude que para muitos se dá de forma automática. O professor percebe que não pode expor-se aos alunos e nem para os colegas de profissão, justificando com: “[...] ali é um ambiente que tem pessoas homofóbicas, que tem pessoas que poderiam usar isso para tentar me prejudicar, por ser também um ambiente competitivo [...]” (R6). É preciso silenciar-se sobre sua vida pessoal, é preciso distanciar-se da turma para não se revelar, pois “[...] ali é um ambiente que tem pessoas homofóbicas [...]” (R6), tal adjetivo nos remete ao substantivo “homofobia”, que é utilizado para descrever o preconceito, a aversão, a hostilidade ou o ódio direcionados a pessoas que são homossexuais, bissexuais, ou que possuem orientações sexuais não heterossexuais.

Assim, o professor tenta estar em consonância aos discursos heteronormativos da escola, enquanto instituição conservadora e tendo a consciência de que o desvio gera sanções: “[...] tem pessoas que poderiam usar isso para tentar me prejudicar [...]” (R6), fazendo com que, quando questionado pelos alunos acerca de relacionamentos, o professor desviasse do assunto ou respondesse de acordo com o que é visto no ambiente escolar como natural.

Ainda, ao declarar que não deve falar sobre sua vida pessoal, o Professor (1) pode estar buscando estabelecer sua autoridade ou manter uma postura de distanciamento profissional. Isso pode ser motivado pela crença de que é necessário manter uma imagem de imparcialidade, objetividade e neutralidade, evitando, assim, possíveis interferências pessoais em seu papel de educador tradicional, e, assim, ele busca se proteger da discriminação e da homofobia presente no espaço escolar.

Acerca da homofobia no ambiente escolar, alguns dos professores entrevistados avaliaram se já sofreram ou não algum tipo de homofobia no ambiente escolar, enquanto professores:

R7: Nunca sofri, acho até por manter esse

distanciamento do meu lado pessoal dentro do ambiente profissional, então assim, dentro do ambiente profissional, eu não milito, ou milito pelas causas dentro dos limites estabelecidos pela apostila, pois se algum pai vier questionar, eu posso justificar que a apostila pede para trabalhar esse assunto, então assim, sempre desses limites. Nunca percebi nas escolas algum incentivo para trabalhar com os alunos abertamente esse tema. (PROFESSOR 1, ESCOLA F).

O Professor (1), no recorte (7), nega ter sofrido homofobia no espaço escolar. Essa negação está carregada de afirmações como a de que há um controle por parte do governo com seu material apostilado, por parte dos pais que estão atentos ao que os filhos estão aprendendo na escola, sobretudo, porque a maioria dos pais são conservadores e, ainda, por parte da escola que não dá abertura para que se discuta sexualidade e diversidade sexual além dos limites impostos pela apostila. Pelos dizeres do Professor (1), “dentro dos limites da apostila”, notamos a revelação de haver limitações no espaço escolar, um controle sob os sujeitos ali inseridos e um controle acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula, sobretudo no que tange à sexualidade.

Escamotear a realidade é um refúgio encontrado para não sofrer sanções por não estar coerente com a ideologia da instituição. O Professor (1), apesar de afirmar não ter sofrido homofobia na sala de aula, também traz consigo a negação da homossexualidade por não se apresentar como um sujeito homossexual dentro da escola, ou seja, nega o seu eu. Ele nega ter sofrido homofobia na escola, mas não se autoafirma para os alunos; nega-se, talvez, para se proteger.

Com isso, por meio de seu discurso, ao se preocupar com o que

os pais possam questionar, ele demonstra o quanto a escola é um espaço heteronormativo e homofóbico, um espaço controlador da moral, um Aparelho Ideológico do Estado (AIE)¹⁴. São discursos que contrastam, pois o Professor (1) tenta se distanciar da sua vida pessoal na escola, mas sabe que é homossexual, e assim tenta afastar de si atitudes e discursos homofóbicos. Entretanto, pelo fato de ser homossexual, esses discursos homofóbicos podem, de alguma forma, ressoar em sua memória discursiva, interferir na imagem que tem de si e até mesmo em seus discursos, como observado no recorte (1), oportunidade em que chega ao ponto de afirmar que almeja a heterossexualidade. Temos um sujeito dividido, multifacetado, que se identifica como homossexual, mas almeja a heterossexualidade, distanciando-se de sua orientação sexual na escola, na tentativa de ser visto pelo outro como dentro dos padrões heteronormativos. Esse sujeito internaliza o discurso do outro, da sociedade heteronormativa, e fica dentro do armário, chegando ao ponto de desejar ser hétero para não passar por sanções. Há, pois, o conflito entre o “eu” e o “outro”.

Vejamos o discurso de outro professor entrevistado, no que se refere à questão de ter ou não sofrido homofobia no ambiente escolar:

R8: Olha, olha... Na escola pública... não... Ééé... Teve alguns casos pontuais, mas, eu não, eu não deixo também, acho que tive uma formação muito boa que eu consigo rebater isso de pronto. Mas assim, lá no início

¹⁴ Althusser (1970) vê a escola como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), sendo, na sociedade capitalista contemporânea, o principal AIE, superando a família, os órgãos de comunicação e até mesmo a religião, que já foi o principal AIE. Segundo o autor, todos os AIEs competem pelo mesmo objetivo, que é a reprodução das relações de produção, ou seja, a reprodução das relações de exploração capitalistas.

da minha carreira que eu comecei a dar aulas em uma escola particular, né? Ééé... teve uma, uma dona de escola que tinha vindo falar comigo, porque tinha ouvido falar queeee... tinha um professor gay na escola dela e que esse professor era eu e que era pra eu falar pros alunos que eu tinha uma namorada, isso lá em 2.000, né? [...] assim já aconteceu uma vez na escola pública, mas não, não posso dizer que foi dentro da escola. Mas assim, é porque também nunca constrangi ninguém, nunca levantei nenhuma bandeira, apenas defendo a dignidade e o respeito com todos. Mas, nunca quis impor o que eu penso etc. (PROFESSOR 2, ESCOLA D).

Embora o Professor (2) argumente que queira se afirmar e se impor, no que se refere a ter ou não sofrido homofobia no ambiente escolar, temos o sujeito que se contradiz, dividido, pois na resposta dada ao questionário aplicado em sua escola diz que sofre homofobia com frequência no espaço escolar. Já na entrevista, como exposto no recorte (8), o Professor (2), em um primeiro momento, nega ter sofrido homofobia na escola pública, mas logo afirma que há casos pontuais. Mais adiante, afirma que há homofobia, depois a rebate, ao afirmar “[...] mas, eu não, eu não deixo também, acho que tive uma formação muito boa que eu consigo rebater isso de pronto.” (R8). Ao mesmo tempo que o professor (2) diz rebater a homofobia presente na escola, revelando assim que a escola é um ambiente homofóbico, nesse mesmo recorte, ele afirma não constranger ninguém e não impor o que pensa.

Quando o professor (2) declara não constranger ninguém no espaço escolar, tal discurso é como uma resposta às expectativas sociais ou estereótipos negativos associados à homossexualidade. Ao afirmar

que não constrange ninguém, o falante está tentando camuflar (silenciar) preconceitos ou preocupações que as pessoas possam ter em relação à sua sexualidade. Pode-se observar que o falante está afirmando sua orientação sexual como *gay*, mas ao mesmo tempo destaca seu compromisso em não constranger ninguém em seu papel como professor na escola, como uma tentativa de separar sua identidade pessoal de sua profissão e tentar ser neutro no ambiente escolar. No entanto, “a neutralidade absoluta é ilusória e enganosa”. (FOUCAULT, 1979, 2008).

Esse professor, ainda no recorte (8), trouxe um acontecido de quando ministrava aulas numa escola particular, onde a dona da escola, fazendo uso de seu poder hierárquico, tenta impor uma verdade, impor um discurso para o professor em questão. No intuito de camuflar os discursos existentes de que tal professor é homossexual, solicitou que o professor dissesse que tinha uma namorada, ou seja, que era heterossexual, que não divergia da sexualidade tida como sadia e normal pela sociedade, levando-o a escamotear a sua realidade.

Por meio dos discursos dos professores entrevistados, observou-se que todos possuem experiências de controle por parte da escola, sendo que, como analisado, cada professor reage de uma forma, assim como se faz presente na escola de uma maneira. Alguns são mais reservados, buscando um distanciamento da vida pessoal no ambiente escolar, até mesmo como uma forma de se resguardar.

Considerações finais

Mediante o exposto, consideramos que a escola seja um dos mais difíceis espaços para que um sujeito possa assumir-se homossexual, pois o ambiente escolar é atravessado por discursos heteronormativos e conservadores. A sociedade faz certas imagens do sujeito professor: se mulher, será uma pessoa delicada, meiga, estudiosa, reservada; caso

seja homem, a imagem que se tem é de um professor sério, rígido, intelectual. Nesse jogo de imagens, o dispositivo da sexualidade é negado.

No que se refere ao objeto de análise desta pesquisa, considerando os seus sujeitos, o discurso de professores homossexuais, suas vivências, e o local onde a pesquisa se realiza (escolas estaduais do município de Jales-SP), percebe-se que o discurso desses professores não é puro, mas heterogêneo, constituído pelos diversos “eus” que lhes constituem, ou seja, há uma subjetividade híbrida. O discurso que esses sujeitos têm acerca de sua sexualidade e a imagem que constroem de si têm relação com as diversas vozes que lhes constituem, as quais se relacionam também com o seu local de trabalho, a escola.

Assim, podemos afirmar que há professores que, por conta dos discursos conservadores predominantes nos espaços escolares, decidem ir ou são colocados para dentro do armário, o que veem como uma maneira de se resguardar da homofobia, proteger seu emprego, fugir de conflitos e tensões e se poupar de serem vistos como desviantes e sofrer as consequências do conservadorismo predominante nas escolas.

Referências

ALENCAR, L. Sexualidades e gênero: Breve estudo acerca da homofobia e heteronormatividade. **Revista MovimentoAção**, [s.l.], v. 02, n. 01, p. 01-15, 2015. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/3430>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Biblioteca Universal Presença, 1970.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CORACINI, M.J. R. F. **A celebração do outro**. Arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CRUZ, Elisabete F. **“Quem leva o nenê e a bolsa?”**: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. U. e MEDRADO, Benedito (Orgs.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 235-355.

FERNANDES. Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. Tradução de Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977a.

_____. **Estratégia, Poder-saber**. Ditos e Escritos. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense, 1977b.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Jales-SP: IBGE, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2.ed. 2000.

NOVO, A. L. C. **O armário na escola**: regimes de visibilidade de professoras lésbicas e gays. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

NOTAS DE AUTORIA

Silvane Aparecida de Freitas é pós-doutora em Linguística Aplicada – Unicamp/IEL, doutora em Linguística – UNESP/Assis. Docente Sênior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Contato: silvaneafreitas@hotmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6617799934090015>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0619-1499>

Lucas Matheus Santana Medeiros é mestrando em educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, campus Paranaíba (UEMS). Bolsista PIBAP-UEMS.

Contato: lucas.prof.edu@gmail.com

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2963733661361992>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0987-9712>

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FREITAS, Silvane Aparecida; MEDEIROS, Lucas Matheus Santana. Discursos e interdiscursos de professores homossexuais. [Sobre Tudo](#), v. 14, n. 2, p. 106-134, 2023.

Financiamento

Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação (PIBAP), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Aprovado pelo Parecer Consubstanciado UEMS n. 5.568.386

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta

licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da [Revista Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 07/10/2023

Aprovado em: 08/12/2023

Publicado em: 21/12/2023